



A Umbandista do Aninga: Um Estudo Folkcomunicação¹

Hudson Roberto BELTRÃO JÚNIOR

Ana Caroline ALBUQUERQUE

Gleilson MEDINS²

Soriany Simas NEVES³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM.

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar os processos comunicacionais existentes na prática de umbanda em Parintins por meio da comunicadora de folk “Umbandista do Aninga”, e descrever os elementos folkcomunicação utilizados pela agente, bem como o ambiente onde acontece a prática religiosa. O trabalho, também, visa gerar uma melhor compreensão desses atores sociais que se utilizam da prática e até mesmo uma reflexão sobre a religião no município. Para tanto, foi utilizado como método a Observação Participante, o estudo e reconhecimento de elementos folkcomunicação, a entrevista não estruturada e a técnica de pesquisa História Oral de Vida.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Comunicador de Folk; Umbanda.

Introdução

A Umbanda é uma doutrina religiosa que sincretiza elementos de várias religiões, como o Catolicismo, o Espiritismo, Hinduísmo, e religiões afro-brasileiras. Chegou ao Brasil por volta de 1908, primeiramente, no Rio de Janeiro e com o passar do tempo se disseminou para outras regiões do país. A palavra “Umbanda” é de origem sânscrita e significa “Deus ao nosso lado” ou “ao lado de Deus”.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos interdisciplinares em Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Acadêmicos do 7º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

³ Professora Assistente na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no curso de Comunicação Social /Jornalismo, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) em Parintins/AM. É Mestre em Ciências da Comunicação com área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da UFAM. Tem experiência na área de Assessoria de Comunicação em Instituição Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, comunicação organizacional, jornalismo, folkcomunicação. E-mail: sorissn@gmail.com



As características gerais da Umbanda se resumem em: Um mestre supremo, Jesus; os períodos de trabalhos espirituais são chamados de sessões, gira ou norma; os participantes devem usar branco, os trabalhos espirituais são gratuitos e os umbandistas têm um fundamento básico, a crença e o culto aos espíritos. Com o tempo, alguns seguidores dessa segmentação religiosa começaram a incorporar elementos, como o sacrifício de animais, ritos de magia negra e entre outros, se distanciando dos princípios umbandistas. Por esse motivo, a Umbanda, muitas vezes, é chamada de “macumba”, ou seja, uma forma reducionista e discriminatória de denominá-la.

No Amazonas, as manifestações da Umbanda já existem há mais de cem anos. No Baixo Amazonas, a Umbanda não é tão praticada, contudo, ela existe, e suas celebrações são realizadas. Em Parintins, ainda que de forma marginalizada, a prática umbandista acontece há mais de trinta anos. Esse grupo religioso se mantém meio que escondido da sociedade, pois a maioria das pessoas vê a prática com preconceito.

Nesse caso, o tema religião tem um papel significativo para a compreensão dos fenômenos comunicacionais populares, pois para as classes marginalizadas, a religião é não só uma forma de devoção ou relação com as forças sobrenaturais, mas também um meio de comunicação e interação com a própria comunidade e, de acordo com Brandão (1980), no contexto religioso, as manifestações populares aparecem vivas e multiformes e, mais do que em outros setores dos modos de vida, nesse campo, a cultura popular “existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos”.

Por entendermos, a Umbanda como uma manifestação popular, se torna interessante relacioná-la com a Folkcomunicação, já que esta estuda a relação entre comunicação e as manifestações populares. Nesse sentido, é importante ressaltar que segundo Beltrão (1980, p.24), a Folkcomunicação deve ser entendida como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Além de ser uma prática religiosa, a Umbanda envolve elementos folkcomunicacionais como, uma linguagem específica, ambientes apropriados, objetos simbólicos, dentre outros. No presente trabalho, o objetivo é analisar o papel da comunicadora de folk, a umbandista Suzete Augusta da Silva, 48 anos, da Comunidade do Aninga e descrever os elementos folkcomunicacionais utilizados pela agente, bem como o ambiente de folk onde acontece a prática religiosa.



Nesse sentido, buscou-se compreender a manifestação religiosa, por meio da umbandista do Aninga, a partir dos seus processos e universos comunicacionais. É válido destacar que a umbandista foi escolhida, para realização deste trabalho, pelo fato de possuir prestígio na cidade de Parintins, mesmo morando longe da área urbana, e por seguir as normas fundantes da Umbanda.

Na pesquisa, utiliza-se a Folkcomunicação como aporte teórico norteador, pois, segundo Beltrão (2004, p. 71) para se compreender o processo de comunicação das classes populares é preciso ter o “entendimento das manifestações folclóricas como a linguagem do povo, a expressão de seu pensar e do seu sentir tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar das classes dominantes”. Para tanto, com o intuito de alcançar os objetivos do trabalho, também foi utilizado a Observação Participante, a entrevista não estruturada e a técnica de pesquisa História Oral de Vida.

Metodologia

O trabalho tem como foco principal a análise do papel da comunicadora de folk, a umbandista Suzete Augusta da Silva, e a descrição dos elementos folkcomunicacionais que ela se utiliza, bem como o ambiente de folk, onde se dá a manifestação religiosa mencionada. Para tanto, realizou-se a pesquisa de campo na Comunidade do Aninga (área rural de Parintins), mas especificamente na residência da umbandista.

No campo, foi empregada a Observação Participante como técnica de pesquisa. Esse procedimento de coleta é de grande importância na pesquisa, pois o pesquisador, na medida do possível, partilha momentos com o sujeito da pesquisa e o objetivo fundamental é a captação das significações e experiências subjetivas desse sujeito. E nesse sentido, compreender o contexto folkcomunicacional no qual a manifestação religiosa está inserida.

A História Oral de Vida se fez relevante como técnica de pesquisa, pois segundo Meihy e Holanda (2007, p. 41), “se espria nas construções narrativas que se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo silêncios, omissões e distorções”. Nesse caso, o relato oral da senhora Suzete Silva, é peça documental na pesquisa, visto que ela narra sua história de vida e sua prática religiosa de forma subjetiva.



Outra técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista não estruturada, aquela em que o pesquisador não segue um roteiro definido, apenas se guia pelas questões norteadoras da pesquisa, ou seja, as respostas do entrevistado podem e servem como gancho para as perguntas do pesquisador, o qual precisa estar atento às respostas para não repetir perguntas.

A pesquisa é de cunho qualitativo, visto que se priorizou a qualidade das entrevistas e não a quantidade, ou seja, a narrativa oral é a peça fundamental no estudo e diante disso, buscou-se valorizar a subjetividade contida em todos os relatos coletados. De acordo com Godoy (1995, p. 58), “a pesquisa qualitativa visa à construção da realidade [...] trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros constructos profundos das relações que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis”. A pesquisa qualitativa possui caráter descritivo, a obtenção dos dados se dá pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada e na análise dos dados se busca compreender o fenômeno estudado a partir da perspectiva do sujeito participante da pesquisa.

A Umbandista do Aninga

Suzete Augusta da Silva, 48 anos, é natural de Parintins, no Amazonas, e vem de uma família de médiuns. É conhecida na região como umbandista do Aninga. Sua mãe, avó e outros descendentes também possuem o dom. Ela explica que, inicialmente não queria seguir a ‘profissão’ da mãe porque a mediunidade a incomodava muito. Segundo ela, à medida que crescia, os sinais da mediunidade iam ficando mais fortes e evidentes. Visões, pressentimentos, vozes, inquietações, tudo isso lhe perturbava muito.

“Os espíritos me batiam. Eles me maltratavam muito, eu chegava a ficar toda machucada. Me jogavam no chão, me davam tapas... Tudo porque eu vivia dizendo pra minha mãe que eu não queria ouvir eles, não queria aquilo pra mim”, revelou. Mas, de acordo com ela, a tradição diz que se um membro da família não quiser dar continuidade aos atendimentos de mediunidade, o seu antecessor pode sofrer alguma punição severa dos espíritos, até mesmo a morte. Então, Suzete resolveu seguir sua sina de médium e também virou uma mãe de santo.



Mas essa decisão não foi fácil. A umbandista só se tornou mãe de santo aos 28 anos de idade, porque pediu a sua mãe que a “encostasse”. No linguajar umbandista, encostar significa conceder uma permissão. Dessa forma, o médium encostado ganha uma espécie de alvará ou concessão para viver uma vida normal durante o prazo combinado. A partir daí, o médium tem por obrigação cumprir a promessa de seguir em frente como mãe ou pai de santo, e assim aconteceu com Suzete. Aos 28 anos, ela foi “coroadada” (ordenada) em Salvador, no Estado da Bahia, e desde então exerce as atividades de mãe de santo.

A Umbandista como Comunicadora de Folk

Suzete é uma senhora simples de poucos recursos financeiros. Morena de estatura baixa, de voz calma, mas que sempre possui a atenção e respeito dos comunitários do Aninga, sendo reconhecida pela eficácia dos trabalhos que realiza na prática de Umbanda. Todos os dias ela recebe muitas pessoas para atendimento, na maioria das vezes formando filas em frente a sua casa. “Pra mim isso já é normal, às vezes deixo de fazer as minhas coisas aqui em casa para atender todo mundo”, destaca.

Muitos dos seus afazeres domésticos a umbandista só realiza no domingo, pois é dia em que ela consegue ter tempo. Segundo ela, não tem como se negar em realizar seu trabalho, pois é uma missão que foi concedida, e que precisa ser cumprida. “Eu estou aqui para fazer o bem para quem precisa”, destacou. É notável a importância da umbandista para seu grupo, com simplicidade realiza aquilo que Beltrão (1980) destaca como uma transformação social na comunidade por meio da informação, dos seus conhecimentos, que altera o modo de vida de um povo para melhor.

Sendo uma pessoa influente na região, a umbandista do Aninga é um ponto de referência na localidade, característica predominante nos comunicadores de folk conforme Beltrão (1980).

O comunicador *folk* tem a personalidade dos líderes de opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social (...) os líderes agentecomunicadores de *folk*, aparentemente, nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo (...) admiradores e seguidores. (BELTRÃO, 1980, p. 35 *apud* BELTRÃO JÚNIOR, 2013, p. 32)



Por meio de uma comunicação artesanal, o comunicador de folk passa a intermediar as mensagens, de forma horizontal, dentro do grupo que pertence e fora dele. “A ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência” (BELTRÃO, 1980, p. 36).

No caso de Suzete, ela se utiliza nos seus trabalhos desde a comunicação interpessoal a comunicação grupal, dependendo do rito realizado. A umbandista não cobra pelos atendimentos de mãe de santo (enquanto está mediunizada), mas sempre recebe algo em troca dos seus clientes, benefícios que a mesma chama de “agrados ou lembranças”. Essas “lembranças” de agradecimento, quase sempre, são dadas após a conquista da graça desejada por intermédio dela.

“Outro dia mesmo um cliente me falou: não se preocupe dona Suzete, eu vou lhe mandar uma boa lembrança de agradecimento. E depois de uma semana chegou aqui em casa essa geladeira”, disse a umbandista mostrando o eletrodoméstico no canto da sala durante uma das entrevistas. Mas nem sempre é assim, a umbandista também recebe dinheiro. Ela espera o cliente mencionar algum tipo de contrapartida e só então aceita a gratificação.

“Isso não faz parte da minha religião, se a pessoa quiser dar alguma coisa eu aceito, mas nunca cobro ninguém, às vezes a pessoa faz muita questão e dá aquilo que pode. Já cheguei até a receber um real, e às vezes, nada” revelou. Tal comportamento é de fato consonante com as normas fundantes da Umbanda, de acordo com a coletânea ESTUDO DA UMBANDA: 1, 2, 3 e 4:

(...) o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS [Zélio Fernandino de Moraes, fundador da Umbanda no Brasil] estabeleceu as normas do culto, cuja prática seria denominada “sessão” e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento público, totalmente gratuito, passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples. Não se permitiria retribuições financeiras pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

Por essa razão, Suzete também não usa atabaques e destaca que em Parintins muitos umbandistas não seguem à risca as normas fundantes da Umbanda, e, além de



cobrar, também realizam ‘trabalhos’ de feitiçaria e rituais noturnos com sacrifícios de animais. Essa prática é conhecida popularmente como macumba e ela não gosta quando as pessoas confundem seu trabalho com esse outro segmento, o qual a mesma denomina de “linha⁴ negra”.

Isso é magia negra e eu não faço isso. Só trabalho com a linha branca, ajudo as pessoas a se livrarem dos seus males, mas sempre visando o bem. Eu sigo o que manda minha religião. Se alguém me pedir pra fazer mal a outra pessoa eu não faço. Isso que é macumba, e não trabalho com esse tipo de coisa. (Suzete Augusta, 48 anos)

Nesse sentido, foi possível perceber que a umbandista do Aninga possui arraigadas convicções filosóficas (religiosas) do grupo que pertence, que são a base de suas crenças e costumes (tradicionalistas), elemento característico dos comunicadores de folk conforme Beltrão (1980, p. 35).

Apenas dois serviços são cobrados na casa da mãe de santo, o de cartas e o de vidência. Esses dois atendimentos estão visivelmente à mostra em uma pequena placa de PVC branco com letras em vermelho indicando os valores: R\$ 20,00 (vinte reais) para jogar as cartas e R\$ 15,00 (quinze reais) para ver o futuro.

A umbandista explica que esses serviços são diferentes do dom da mediunidade, ou seja, enquanto está possuída pelos espíritos, chamados de entidades, caboclos ou guias na doutrina umbandista. Ela diz que enquanto está jogando cartas ou fazendo vidência é ela mesma quem está fazendo e não uma entidade agindo no corpo dela, por isso cobra por estes serviços, e segundo Suzete, o dinheiro arrecadado é utilizado somente para a manutenção da banca (mesa utilizada para os atendimentos).

A umbandista e comunicadora de folk Suzete, também, pode ser considerada como o que Bourdieu (2011) chama de agente religioso, que tem função de realizar “ações mágicas ou religiosas”, ações mundanas e práticas que são realizadas a fim de que tudo fique bem para os homens.

⁴ Faixa de vibração, dentro da corrente vibratória espiritual. Um Orixá também chamado protetor e que é chefe dos seres que vibram e atuam nessa faixa. Conjunto de falanges e que se subdivide uma faixa vibratória. Conjunto de representações (corporal, dança, cores, símbolos) e rituais (comidas, bebidas, dia da semana), etc.; de cada Orixá ou entidade. Conjunto de cerimônias rituais de determinado tipo. Ex. linha de Umbanda, linha branca, etc. União das falanges, sendo que cada um tem seu chefe.



Dessa forma, ela gosta de manter a discrição, afinal de contas, apesar de em Parintins existir diversas religiões, a umbanda ainda é vista com certa desconfiança e discriminação por grande parte da sociedade local. E isso é reflexo de todo um contexto histórico, com o aparecimento das grandes religiões e processo de racionalização e sistematização do campo religioso, onde poucas religiões estrategicamente foram legitimadas como oficiais, criando uma estrutura diferenciada e complexa por meio de um corpo de especialistas⁵ responsáveis pela reprodução da ideologia religiosa.

Tendo como base esse pressuposto da monopolização da religião, tem-se segundo Bourdieu apud Beltrão Júnior (2013) “a constituição de um campo religioso que acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos”. A partir daí fica evidente a exclusão dos grupos religiosos na sociedade, como é o caso da Umbanda, religião considerada inferior, pois seus agentes não têm a legitimidade (como as religiões universais) na difusão das práticas religiosas.

Com base nisso, foi possível perceber o conflito existente na relação de poder entre a Igreja Católica e a umbandista do Aninga, duas instâncias que se utilizam de posições de identidades diferentes dentro do campo religioso, e que afirmam sua autoridade na reprodução dos bens religiosos. E, mesmo diante dessa questão, a umbandista Suzi mantém contato e frequenta outro grupo religioso na comunidade (católico).

Nesse caso, acontece o que Beltrão (1980) chama de mobilidade, pois a comunicadora de folk entra em contato com grupos diferentes, intercambia conhecimentos e opiniões e também recolhe informações que lhe servem de subsídio para a prática da umbanda.

Audiência de Folk da Umbandista

Desde quando voltou para Parintins, a umbandista passou a atrair várias pessoas para sua casa, mesmo morando em lugar distante da cidade (na região do Aninga). “Eu lembro que bastou uma pessoa vim aqui pra atendimento. E uma foi

⁵ “pessoas socialmente reconhecidas como detentores exclusivos das produções e reproduções de um *corpus* deliberadamente organizado de conhecimentos secretos, portanto raros” (BOURDIEU, 20011, p. 39)



falando para outra e foi se espalhando. Hoje vocês viram o quanto de pessoas me procuram”, destacou Suzete.

A umbandista e seus trabalhos, realizados de segunda a sábado, foram ao longo do tempo reunindo um público, e firmando grupos de fiéis as práticas e ensinamentos. Estes classificados na folkcomunicação de *marginalizados*. Conforme Beltrão (1980), o termo marginalizado, é referente aos indivíduos que são excluídos da sociedade, e não apenas do sistema político, mas também do sistema de comunicação social. Pessoas que estão à margem da sociedade, entre duas culturas e duas sociedades que nunca se fundiram totalmente.

Geralmente, as pessoas que mais procuram a Mãe de Santo são de baixa renda, das classes desfavorecidas, tanto da cidade quanto do interior. Desse modo, podemos identificar esse público como um grupo culturalmente marginalizado, que segundo Beltrão (1980), é composto por pessoas da zona rural e urbana, com reduzido poder aquisitivo, e que adotam uma filosofia ou política contrária à ordem social vigente. Vale destacar que, segundo Suzete, muitas pessoas das classes com um maior poder aquisitivo também procuram os seus trabalhos, apesar de muitos terem vergonha de assumir. “Já fiz e faço muito trabalho pra gente que tem dinheiro. Mas muitos pedem pra mim não falar nada”, disse a umbandista.

Como comunicadora de folk, a mãe de santo é uma tradutora de seu grupo, e busca os meios de tornar as informações necessárias acessíveis a todos os seus seguidores. “Quando a pessoa é nova aqui, eu tenho que explicar tudo como funciona aqui”. Desse modo, a umbandista cria os próprios canais de comunicação. “Não se deve esquecer que enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação se destinam a um mundo” (BELTRÃO, 1980, p. 40).

Durante as entrevistas com Suzete foi possível perceber vários termos específicos da Umbanda, como espada, guias, caboclos, entidades, banca, etc., que seus seguidores tem que saber (compartilhar daquele conhecimento), até mesmo pessoas de outras religiões. “(...) na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar o modo a que seu publico veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e aspirações” (BELTRÃO, 1980, p. 40).

Tendo em vista que Suzete é um agente comunicador de folk e agente religioso, segundo Bourdieu (2011, p. 103), pode-se delimitar dentro dos grupos



culturalmente marginalizados, segundo Beltrão (1980), a audiência da umbandista como um grupo messiânico, onde os membros participantes seguem um líder carismático, que realiza eventos coletivos com fundo religioso, cujas ideias religiosas representam contrafações, interpretações das crenças religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social.

Ambiente de Folk da Umbandista

A casa de Suzete é simples, localizada num sítio, em um pequeno pedaço de terra cedido por uma prima da umbandista. A moradia é de difícil acesso e é feita de madeira. Mede pouco mais de sete metros quadrados e tem apenas dois cômodos. Sala e quarto se misturam na primeira parte da casa, onde a umbandista recebe na sua banca os seus clientes.

No seu ambiente de folk, no momento dos atendimentos, é constituído todo um sistema de comunicação na relação umbandista, espíritos, objetos, símbolos e clientes, que estão inseridos no contexto do ritual⁶. E nesse sentido, a manifestação religiosa se configura como fenômeno folkcomunicação, considerando o potencial comunicativo do rito e a simbologia a ele inerente. O mundo simbólico está intrínseco no dia-a-dia de Suzi. De acordo com Bourdieu (2012, p. 12), os sistemas simbólicos distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo.

Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 2012, p. 10)

Como possui relação direta com os espíritos, Suzete sempre procura manter sua banca organizada para manter harmonia com eles. A banca é uma espécie de pequeno altar, e apresenta várias oportunidades de comunicação. Nela estão dispostos vários elementos da cultura de umbanda, como velas coloridas, imagens de entidades como

⁶ “O ritual é uma linguagem convencional pela qual se exprime de maneira imperfeita, o jogo de imagens, e dos sentimentos, íntimos, ele se torna, para nós, a própria realidade”. (MAUSS, 2005, p. 251)



Dona Mariana (uma variação de Iemanjá), Seu Flecheiro, Preto Velho, Oxossi e outras entidades das matas.

Junto a essas imagens também estão vários adornos como colares artesanais multicoloridos. As cores correspondem a cada entidade em que a mãe de santo está “incorporada”. A toalha ou manto que cobre a banca também muda de cor de acordo com a entidade que está presente no atendimento. Cada elemento presente na mesa tem um significado e uma utilidade e são utilizados de acordo com a atmosfera do evento.

Objetos/Elementos	Significado/Utilidade
Água	Sua utilidade é variada. Serve para os banhos, lavar as guias, para descarregar os maus fluídos. Dependendo de sua procedência, terá um emprego diferente nas obrigações. A água pode concentrar uma vibração positiva ou negativa, dependendo do seu emprego.
Aia	Toalha branca para uso nas sessões.
Alguidar	Bacia de barro usada para entregas, ascender velas, depósito de banhos, entrega de comidas e defumação. Vasilha de barro onde se coloca comida votiva.
Assento	Termo utilizado para um local preparado para um Orixá ou Exu. Local exclusivo.
Amuletos	Objetos com finalidade protetora. Considera-se que ele pode afastar energias negativas, má sorte, até a morte.
Cabaia	Túnica de mangas largas utilizada por médiuns ou cambones.
Caboclos	São entidades que se apresentam como indígenas. Espíritos com um certo grau espiritual de evolução.
Camolete	Lenço branco de tamanho grande colocado na cabeça da umbandista durante alguns rituais.
Cigarro	Elemento utilizado por parte das entidades.
Entidades	Seres espirituais na Umbanda.
Guia	Colar ritualístico especial para cada entidade, feito com miçangas de cristal e/ou de porcelana, da cor especial do Orixá



	ou Entidade Espiritual que representa e identifica.
Iemanjá	É a deusa dos grandes rios, mares e oceanos. Na umbanda, ela é cultuada como mãe de muitos orixás.
Dona Mariana	A Cabocla Mariana é uma guia turca da linha dos encantados, os encantados assim como outras linhas, é formada por guias que já tiveram a experiência de viver neste mundo, com uma diferença, não sofreram o desencarne, e sim encantamentos.
Ogum	Imagem, no catolicismo, de São Jorge. O Ogum é o orixá da guerra, capaz de abrir caminhos na vida. Por isso, costuma ser identificado com Santo Antônio, o "santo casamenteiro", ou com São Jorge, santo guerreiro que é representado matando um dragão.
Oxalá	Imagem, no catolicismo, de Jesus. Na umbanda, Oxalá é a divindade que criou a humanidade por isso, ele se equivale a Jesus, uma das manifestações do Deus triuno do catolicismo (pai, filho e espírito santo).
Oxóssi	É considerado patrono da linha dos caboclos, atuando para o bem-estar físico e espiritual dos seres humanos.
PombaJira	É uma entidade que trabalha na Umbanda, sendo equivalente à forma feminina de Exu. As oferendas são inúmeras, sempre acompanhadas de champagne de boa qualidade e bebidas fortes. A elas são oferecidos cigarrilhas e cigarros,, espelhos, enfeites, jóias, bijuterias, batons, perfumes, enfim, todo o aparato que toda mulher gosta e preza.
Velas	São ponto de convergência para que o umbandista fixe sua atenção e possa assim fazer sua rogação ou agradecimento ao espírito ou Orixá a quem dedicou. Ao iluminá-las, homenageia-se, reforçando uma energia que liga, de certa forma, o corpo ao espírito.



Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi analisar a umbandista do Aninga, Suzete Augusta, a partir de uma perspectiva folkcomunicação, bem como os procedimentos folkcomunicacionais que ela se utiliza enquanto comunicadora de folk. Na observação participante foi possível acompanhar um pouco do dia-a-dia da Mãe de Santo nos seus ambientes, em alguns atendimentos, e perceber como ela se relaciona com a comunidade.

O estudo proporcionou conhecer um pouco da religião da Umbanda e papel da comunicadora de folk Suzete na comunidade do Aninga, em Parintins. No campo, foi identificado os meios de folk (ambientes específicos, fórmulas, signos, objetos, roupas) utilizados pela agente, que constituem um sistema próprio de comunicação, e que ganha sentido no entorno social por meio dos símbolos que se representa. E dentro dessa perspectiva, identificou-se, também, a audiência da umbandista como um grupo messiânico, e sua casa como ambiente de folk.

Vale ressaltar que a postura da umbandista enquanto comunicadora de folk (autoridade religiosa), tendo em vista as divisões do campo religioso⁷, precisa ser reafirmada a todo momento. Nesse caso, a autoridade e legitimidade de Suzete se firma na eficácia de seus trabalhos e na fé que os seus seguidores atribuem as suas práticas religiosas (o poder de ela se relacionar com os espíritos).

A análise folkcomunicação da umbandista do Aninga se faz relevante para conhecermos essa prática religiosa, o ambiente em que ela acontece e sua audiência. Com isso, pretende-se despertar, por meio deste estudo, uma reflexão desprovida de preconceitos e ideias reducionistas e a compreensão dessa manifestação religiosa, visto que para se compreender o processo de comunicação das classes populares é preciso entender as manifestações ao nível do vivido, como se organizam, se expressam, trocam conhecimentos, experiências, valores, opiniões, muitas vezes discordantes das classes dominantes.

⁷ Tendo em vista as divisões do sistema religioso, tais práticas religiosas vão sendo expostas a serem consideradas inferiores (excluídas socialmente), pois não possuem a legitimidade das igrejas. E mesmo sem qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva as religiões dominantes (BOURDIEU, 2011).



O campo religioso é bastante amplo para ser pesquisado, e nesse sentido, a umbanda em Parintins, por meio da comunicadora de folk Suzete, se mostrou um objeto de estudo muito rico e extenso, assim, a perspectiva que se tem, é que estudos mais abrangentes sejam realizados a respeito da temática e mais informações sobre essa manifestação religiosa sejam desveladas.

Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados** / Luís Beltrão. _ São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: Teoria e Método**. São Bernardo do Campo, UESP, 2004, p. 71.

BELTRÃO JÚNIOR, H. R. **As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folkcomunicacional**. [Relatório de iniciação científica] Hudson Roberto Beltrão Júnior, Parintins, 2013.

BRANDÃO, C. **Os deuses do povo**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas** / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – 7. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (Português de Portugal) – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.

ESTUDO DA UMBANDA 1, 2, 3 e 4; Centro espírita Vovó Joana da Bahia. Rua 126 n° 148 – Jardim da Paz – Mauá – Rio de Janeiro.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v. 35, n 2, 1995.

MAUSS, Marcel, **Ensaio de Sociologia** / Marcel Mauss; tradução [Luiz João Gaio e J. guinsburg]. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo Contexto, 2007.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Ed. Vozes. Ltda. Petrópolis, RJ, 2000.